

STADIUM



1\$50

Flagrante aspecto do estado do campo em que se jogou o último Benfica-Belenenses. Mesmo assim, Manuel da Costa mostra-nos uma atitude verdadeiramente clássica, em luta com Simões e Gomes



1



2



3

ALGO DO QUE SE VIU NO ATLÉTICO-SPORTING E NO UNIDOS-FÓSFOROS

1 — A máscara de Peyroteo reflecte bem o seu indomável esforço!
2 — Como se comete uma falta...
3 — Passo de dança em tablado de lama...
4, 5 e 6 — Três flagrantes instantâneos de defesas vistas, no domingo, no campo do Lumiar A, durante o desafio Unidos-Fósforos.

1-2-3 — fotos João Santos
4-5-6 — fotos Ismael Ferreira



6



4



O primeiro número da nova série da Stadium encontram da parte do público desportivo acolhimento tal que exceda todo o nosso optimismo.

Estas palavras saíram, pois, de agrado e com prazer a quantos nos deram aquelle acolhimento — e também aos que tiveram ter a gentileza de nos transmitir directamente o seu aplauso.

No entanto, o nosso primeiro número — «nossa» e «primeiro» com certa propriedade — não nos satisfez em absoluto. Queremos e podemos fazer melhor. Desejamos apresentar aos nossos leitores trabalho de maior desenvolvimento, melhor elaborado — mais completo, numa palavra.

Todos sabem, de maneira geral, quantas contrariedades e hesitações traz quasi sempre um «primeiro número». Existem muitos pormenores de importância capital e cuja ligação só se effectua, com absoluto exito, mercede de algum tempo — e boa vontade.

A Stadium que os nossos leitores viram na semana passada não representa, para nós, muito de completo de facto. Exactamente por este facto, mesmo perante o exito que registámos, mas sem factâncias nem rodeios e até talvez um pouco fora dos hábitos da profissão, o reconhecemos.

Sem nada prometer que não possamos cumprir, mas com a garantia absoluta do nosso empenho de fazer o melhor do desporto e os desportistas — pois Stadium será de todos e para todos — desejamos dizer só aos nossos leitores e amigos: obrigado — e até ao próximo número!

★

NÃO fizemos nenhuma apresentação dos jornalistas e fotógrafos que ficaram a colaborar connosco. Uns appareceram já, outros apparecerão depois. São, porém, todos elementos com nome firmado na imprensa da especialidade. E alguns d'elles, são velhos amigos da nossa revista.

Julgamos, por isso, não ser preciso acrescentar mais nada, como prova de que nos empenhamos em reunir um bom núcleo de colaboradores. D'elles ha de facto muito a esperar — em valor, entusiasmo e dedicação.

★

ESTÁ em preparação um banquete de homenagem a António Ribeiro dos Reis, conhecido dirigente e distinto jornalista desportivo. Com este agôgo pretende-se festejar os trinta annos de actividade de Ribeiro dos Reis em prol do desporto.

Lemos já que a actividade do nosso prezado colega de imprensa começara como jogador de futebol, passando depois para jornalista, dirigente e fénico. A verdade, porém, é que Ribeiro dos Reis principiou também muito cedo a sua carreira de jornalista. Se a sua estreia se fez no Sport Lisboa, já lá vão 29 annos, na conta dos trinta a comemorar.

Como o tempo corre!

★

A Direcção da Federação Portuguesa de Nataçào, que ha annos tem trabalhando com notavel entusiasmo pela propaganda do seu desporto favorito, tambem, recentemente, duas iniciativas dignas de registo — prestar homenagem á veterania no desporto, e distinguir os dirigentes que melhor trabalham pela nataçào.

Os nadadores que se mantêm na actividade de provas, além de um certo numero de annos, vão usar um distintivo especial nos seus fatos de banho, como distintivo de honra pela sua tenacidade na luta. É uma homenagem absolutamente merecida. E ha um grupo numeroso de nadadores a distinguir deste modo. Num ligeiro «eco» não ficaria bem uma referência destacada a todos elles. Mas vem a propósito salientar que João da Silva Marques, campeão nacional de 200 metros braços, ganhou, este anno, o seu décimo sétimo campeonato nacional.

★

JOÃO da Silva Marques, convidado, com Mário Simas, para representar a nataçào portuguesa num festival em Barcelona, ainda desta vez não viu realzado o seu desejo de representar o pais em provas internacionais disputadas no estrangeiro. É a terceira vez que não passa disso. Já é pouco sorte!

No momento em que a Stadium renasce para a sua vasta obra de reportagem e doutrinação, consideramos oportuno fazer um exame ou análise ás perspectivas do desporto português, neste fim de anno. Este exame ou análise será, de certo modo, para o tempo decorrido durante a suspensão da nossa revista, como que um balanço rápido para quanto de importante se registou num interregno que nos pareceu demasiado, para o desejo de não perder o contacto semanal com os nossos prezados leitores. E será ainda como que um ponto de partida para novas campanhas de doutrina — e para o futuro.

O que de mais notável houve nestes meses, enchendo por isso grande ambiente de simpatia em toda a imprensa da especialidade, foi a criação da Direcção Geral de Educação Física e Desportos, à frente da qual foram colocados como director geral e inspector de desportos, dois antigos desportistas de boa ténpera — Salvação Barreto, jogador de futebol no Clube Internacional de Futebol em épocas que são marcas de glória no historial do velho clube lisboeta; e António Cardoso, que se distinguia, no mesmo clube, como campeão e «recreman» de atletismo. O Estado, que já interviu na orientação e actividade dos clubes desportivos, por intermédio da «Mocidade Portuguesa», passou a intervir directamente no desporto lusitano com a nova repartição official.

Abriu-se, pois, uma nova fase no desporto, entre nós. De um momento em que tudo se devia, a bem dizer, à iniciativa particular, passou-se, claramente, para a fase de intervenção directa do Estado, por meio de um organismo de especialização, com o fim superior de coordenar, orientar e estimular toda a actividade do pais, no sentido de integrar melhor no alto e patriótico objectivo do rejuvenescimento da mocidade, pela prática consciente e metódica dos exercícos físicos.

O período de iniciativa particular honra, sem dúvida, o desporto nacional, sobretudo no que se reputa à difusão do desporto e à construção de campos, instalações e aparelhagem para as várias modalidades. É magnífico de espirito e dedicação, sacrificio e entusiasmo, o que fica feito, para o futuro e para a história, mas a intervenção do Estado, de mais a mais dirigida por dois antigos desportistas que são, também, officiais do exercíco de carreira brilhante, abre, de facto, novas perspectivas, mais amplas e lisonjeiras.

Não tinha ainda feito tudo, a iniciativa particular. Era preciso completar a sua obra, principalmente quanto a disciplina, organização federativa e melhor sentido do espirito desportivo. A dedicação clubista, que permitiu realizar coisas que pareciam impraticáveis para os fracos recursos de cada clube, serviu, ao mesmo tempo, para deturpar um pouco as funções superiores da direcção na maneira federativa e contribuiu bastante para confinar a orientação de algumas colectividades à preocupação de ganhar provas e conquistar trofeus. O objectivo dos desportos não podia e não devia limitar-se à obtenção de prémios. Faltou-lhe, de facto, nos últimos annos dar melhor expressão ao valor moral, educativo e social dos desportos. E de tal facto resultou também prejuizo para a disciplina dos atletas.

Aquilo que faltava ao desporto — durante o período em que viveu exclusivamente entregue à iniciativa particular — em subordinação completa e voluntária dos objectivos que lhe são próprios, e em estímulo effectivo e oportuno a todas as obras bem orientadas, pode ser-lhe dado, agora, com a criação da Direcção Geral de Educação Física e Desportos.

Estas são, pois, as novas perspectivas que o desporto oferece, em Portugal, neste momento. Entregue em boas mãos, como está, a Direcção Geral de Desportos, é de esperar e desejar que as novas perspectivas tenham larga repercussão no futuro dos desportos.

Quanto a realizações immediatas, que valem especialmente como oportuna e necessária propaganda de levar idéias de educação desportiva, mercede destaque, nesta rápida série de comentários, a iniciativa das palestras transmitidas, nos campos de futebol, por alto-falantes. Alguns dirigentes desportivos de justificado prestígio perante o publico entusiasta do desporto têm feito excelente sementeira de conceitos sempre úteis, como recommendações para os jogadores e para o publico.

Temos assim, que as perspectivas oferecidas pelo desporto são, na verdade, lisonjeiras, não só pelo que podem trazer de auxilio ás colectividades de desporto, como pelo reflexo immediato que podem ter na dignificação das pugnas atléticas.

MÁRIO DE OLIVEIRA

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Propriedade da SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.D.A

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 5 1146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica da GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

ANO II.º — LISBOA, 16 DE DEZEMBRO DE 1942 — II SÉRIE. N.º 2

Na altura em que começou nova legislação, apoz-nos referir à escolha do capitão Maia de Loureiro para representante das federações de desporto na Câmara Corporativa. Maia de Loureiro tem-se afirmado especialmente como homem de acção. É notório o seu dinamismo. Mas é, também, um homem de gabinete — quando é preciso.

Foi uma escolha acertada. Ora já que Maia Loureiro tenha frequentes occasiões de pôr à prova, no estado dos problemas que foram submetidos à sua apreciação, não só os seus conhecimentos de ordem técnica, como o seu amor ao desporto.

★

O campeonato lisboense de futebol complicou-se, nas últimas jornadas. Falou-se tanto do valor do «conceito» do Belenenses no actual campeonato, que a sua vitória era de prever como resultado mais lógico do torneio em disputa. As coisas não correram, porém, como se esperava... E o Belenenses veio a empacar com o Unidos, na pior oportunidade. A perda de um ponto pode ter representado, para o popular clube, a perda de um campeonato. Um simples ponto — que fez grande destrói!

★

É também digna de aplauso a ideia de distinguir os dirigentes que prestem serviços de relevo a qualquer desporto. Há, pelo menos, uma federação portuguesa em que a distincção consta dos seus estatutos — a União Esportiva Portuguesa. Mas nem por isso ser incólida, deixa tal ideia de ser justa e oportuna. A actividade de um dirigente pode ser útil ao desporto em que exerce a sua acção. Se se guardou o atleta pela realização de qualquer proeza, é natural que o dirigente possa ser distinguido por forma idêntica — com a medalha dos bons serviços.

Deve ser difícil ou melindroso aserir da utilidade ou beneficio de qualquer obra directiva. É, todavia, justo que não fique no esquecimento.

★

ENCONTRAM-SE em disputa regular campeonatos de várias modalidades. A pouco e pouco movem-se diferentes desportos. A expansão desportiva é evidente — em todo o pais. Os torneios mais animados, e que abrangem maior numero de clubes e atletas, são, no entanto, os de futebol e basket.

★

EM Coimbra, os alunos da Universidade apenas podem representar a Associação Académica, em provas desportivas. É recente a medida tomada pelos estudantes de Coimbra, para fins educativos. É natural, porém, que alguns clubes locais se ressentam do facto — e que nem todos os alunos tenham possibilidade de entrada nos grupos representativos da Académica.

★

NUM dos boletins de clubes agora em publicação, encontramos uma noticia a que nos referimos sem indicaçào de clubes, porque não nos interessa apontá-los, para o efeito que temos em vista — focar apenas uma situação.

Em determinada altura do campeonato de certa modalidade desportiva, o desafio entre os dois clubes desportava expectativa superior à normal. Aquele em cujo campo se realizava o jogo propôs ao outro um ligeiro aumento no preço de entrada no campo. O adversário recusou, todavia não sabemos por que motivos. Passado pouco tempo, o novo desafio official entre os mesmos clubes despertava entusiasmo idêntico. O clube que recusou a primeira proposta, vendo-se então em situação igual à anterior, fez uma sua proposta no mesmo sentido.

Não indica, o boletim em referência, qual o resultado obtido pela segunda proposta. Limitamo-nos, por isso, a anotar que é sempre perigoso pretender para nós aquilo que aos outros recusamos, quando deles depende a satisfação dos nossos desejos. Para casos desta ordem, bastaria aplicar uma conhecida filosofia cristã.

Stadium na Capital do Norte

Dr.ª Maria Emília Leite

ACEDENDO amavelmente ao convite que lhe foi endereçado pela nossa Delegação do Porto, inicia hoje a sua colaboração no «Stadium» a Ex.ª Sr.ª Dr.ª Maria Emília Leite, activa propagandista da educação física da mulher portuguesa.

Presidente, por diversas vezes, do Feminino Atlético Clube, uma das nossas mais prometedoras organizações desportivas,

RUBRICA DESPORTIVA

DESPORTO — Palavra mágica que enbroce e humaniza alma e formadas. Por isso, vós, raparigas do meu tempo, enfrentando preconceitos tolos e doutrinas egoístas, lançae a semente de uma nova cruzada. A semente ganhou raízes e desabrocha lenta, prometedora. A vossa persistência e o vosso exemplo abalarão a falsa moral que enroupa a mulher do nosso século.

Uma nova luz vos transfigura, e a vossa atitude, desmoeçada, contrasta vitoriosamente com os gestos irrevetentes e amaneirados de tanta rapariga vaidosa e inútil que infesta o nosso meio.

São bem as companheiras ridículas do mais irrisório tipo de elegância que a moda masculina criou. E chamam-lhes «tyronness»...

Como Tyrone Power deve sentir a ofensa! Tyrone, o homem que trás endossada tanta imaginação doentia, esquece que é o galã favorito e, como bom desportista, cumpre o seu dever, alistando-se nos fuzileiros navais como simples soldado e sacrificando-se no altar da Pátria.

Como é diferente a conduta dos pseudo-elegantes da nossa sociedade. «Desportivamente» vagueiam pelos passeios, imobilizam-se junto dos cafés, gesticulam e gritam, atirando as atenções para si inútil como pretenciosa personalidade.

E que triste mentalidade! Devoram todos os livros «azuis e rosas» e nada, nada que represente esforço ou trabalho os seduz.

As nossas raparigas desportivas, olhando-as com desprezo ou exortando-as, desassombadamente, mostram-se conscientes da sua responsabilidade.

Nesta época agitada e convulsa é necessário revigorar o organismo, retemperar a alma — para estar pronta à vida — chamada. E não se preocupam, de modo inútil, com as vaidades, de figurinos despersonalizados que surgirá a multidão confiante e patriota que dignifica uma nação.

Não! Devemos dividir a nossa actividade entre o trabalho intelectual e o esforço físico. E as horas de repouso serão preenchidas pelo desporto colectivo, que gera a confiança, a camaradagem, o auto-domínio, que desenvolve e esperta o raciocínio. Hoje ninguém desconhece o valor da educação física no desenvolvimento orgânico. E, sendo assim, porque

negar à mulher a frequência dos ginásios e dos campos de jogos? Os exercícios físicos não têm apenas influência no crescimento físico, mas ainda no desenvolvimento psíquico.

A atenção, a vontade, numa palavra o equilíbrio nervoso, é susceptível de adquirir-se pela prática de jogos colectivos de mulher temperamento vibrátil e impulsivo por natureza, beneficiará imenso com a prática da cultura física. O equilíbrio nervoso adquirido será guia insubstituível, a aconselhar prudência e critério nos jogos escolhidos. Há modalidades desportivas que, pelo culto da força, pelo «excessivo» desenvolvimento muscular, pelas atitudes anti-fisiológicas, são contrárias e prejudiciais à estrutura e complexão femininas. A mulher deve fazer do desporto uma escola de gracilidade e agilidade, de educação física e cultura intelectual.

Não cometer abusos, não praticar excessos; não procurar evidenciar-se por mera exibição ou satisfação de vaidade estúpida e presumida. Não. A mulher deve retirar-se do campo mais leve, mais desmoeçada, mais calma e mais confiante. Uma hora de desporto (marcha, natação, ciclismo, etc.) e armazena-se boa dose de energia e bom humor para todo o dia. E regularmente, com verdadeira devoção, repetir essa hora desportiva com camaradas amigas e leais, que tornarão esses instantes os melhores do seu dia. Fugir do desporto de competição — que é já uma obrigação — e exige esforços desordenados, desperdiça energias e tuberculiza, quando a alimentação é deficiente e a preparação e os treinos são nulos.

A mulher consciente pratica o desporto como um acto preparatório para a labuta quotidiana. Mercê de condições económico-sociais, a mulher tem de trabalhar fora de lar. Mil e um problemas se confundem no seu cérebro intranquilo. É necessário refrear entusiasmos, impulsos bem feminis e resolver com calma e segurança. Adquirimos mais liberdade, mas cremos maiores responsabilidades, e um cérebro em equilíbrio instável é um cérebro irresponsável.

Com maior razão, portanto, nós, da velha guarda, devemos acariarhar e aconselhar as almas ansiosas que, pela cultura física e intelectual, procuram ser úteis ao País!

MARIA EMÍLIA LEITE

PING-PONG: Manter-se-à a superioridade do F. C. do Porto e Académico?

O ténis de mesa parece tomar de ano para ano maior acentuamento. Embora nos principais clubes os valores individuais não se manifestem exuberantemente, nós de valor secundário acentuam-se progressos que em breve devem causar «cargos de bóca» aos agrupamentos de primeiro plano. Quatro clubes existem, de comêdo modesto, que merecem referência especial pela sua acção recheda de actividade progressiva: F. C. de Gala, que em pouco tempo subiu à Divisão máxima; Voluntários Portuenses, que na época passada ganharam o direito de disputar o campeonato da I Divisão; Portuense Ténis, um dos favoritos do campeonato da II Divisão; e Portuense Rádio Clube, que se iniciou na Promoção, passou a seguir para a II Divisão e disputa este ano o torneio regional na II Divisão.

F. C. do Porto e Académico, dos clubes categorizados, vão discutir mais uma vez superioridades e rivalidades. Com elementos de valor muito aproximado devem proporcionar-nos espectáculos de rara beleza. Nos azuis-brancos, a presença de Figueiredo, Emídio, Oliveira, Albano Sá, Leonor e Alcides, dão continuidade à dinastia de campeões que o F. C. do Porto tem mantido com rara galhardia; mas nas fileiras do Académico militam valores como Mário Guimarães, Joaquim Soares, Jorge Meireles, Eduardo Marinho, Danilo Couto, etc., capazes de fornecer boa réplica aos campeões. Não esquecer ainda o Estrêla e Vigorosa, Clube Portuense de Desporto, F. C. de Gala e Voluntários Portuenses, que devem tentar derrubar a «avença» dos campeões.

COISAS E LOISAS

O problema da assistência aos jogadores magoados nos campos de futebol

RIBEIRO dos Reis, conhecido dirigente, técnico e abalizado jornalista desportivo, aborda, no «Diário de Lisboa», um assunto de primeiro plano, dos muitos que estão ainda por ter solução perfeita, harmónica e definida.

Referimo-nos, está bem de ver, (para quem leu o jornal de 28 do mês findo) ao aspecto especial que representa, para quem observa Coisas e Loisas, o problema da prestação de socorros aos acidentados ocorridos aos jogadores de futebol, durante os encontros.

Se é certo que, na generalidade, estamos totalmente de acôrdo e ao lado daquêlle nosso camarada, na especialidade discordamos em vários pormenores, o que, entretanto, não impede de o acompanharmos na sua sugestão.

Já várias pessoas se têm preocupado com êste momentoso problema, tão enorme, na sua amplitude, como o da disciplina ou correcção desportiva; mas, até hoje, baldados foram todos os esforços. Para o resolver seria preciso atacá-lo bem de frente. E isso, valha a verdade, não prende a atenção dos dirigentes, duma maneira geral, porque a matéria prima para a composição dos «onzes» anda para aí aos montões, a oferecer-se por «dez réis de mel coado».

Entretanto, os sofrimentos, as lesões, vão sendo «arrecadadas» no físico dos praticantes que, tempos depois, recolhem, isocronicamente, a invalidez ou incapacidade temporária para granger meios de vida e o esquecimento de quem dêles se serviu para satisfação de vaidades, incomportáveis com a resistência física dos seus protegidos.

Pode estar tudo muito bem regulamentado, mas todos sabemos ser letra morta. O que urge, o que é indispensável fazer, com regulamentos ou sem êles, é impedir a continuação dêsses estatutos perigosos na modalidade, encontrar um caminho decidido e decisivo, enfrentar o problema e resolvê-lo.

HAND-BALL

Muito se espera da Associação Regional

O handball portuense, depois de contínuo brilhantismo através de anos seguidos, a pouco-e-pouco baixou de prestigio, nível técnico e até de ambiente desportivo.

Factos diversos, a que não foram estranhos a deserção de vários elementos importantes na modalidade, contribuíram para o próprio afastamento de público.

Desta maneira, não foi difícil antever o rastró decadente do handball cittadino. E calra no abismo do irreparável, se, nesta época, não surge um conjunto de homens voluntariosos na Direcção da associação regional.

Embora ainda em comêgo, mas já com visíveis traços de excelente plano, a actual Direcção, a que preside Manuel Lopes dos Santos, — figura de destaque no desporto «vilanovense» — vai caracterizar o seu trabalho com louvável espirito de justiça e isenção.

Nêste momento, antes do início da época desportiva, tóda a acção se reflete no serviço administrativo, para que as pugnas desportivas apareçam organizadas com regularidade.

Por irregularidades na organização da prova, foi provisoriamente suspenso o torneio da 2.ª Divisão patrocinado pelo Candal.

DO PALCO E DA GERAL

EFE MÉRIDES

Fêz ontem 21 anos que se estreou no Politeama a actriz Georgina Cordeiro, com a peça «Os Emigrantes». Esta artista, que saiu do Conservatório com a classificação de 10 valores, merece, pelo que tem feito em teatro, o adjectivo de «distinta actriz». Não lhe fazemos favor nenhum.

Amanhã faz 16 anos que subiu à cena no GYMNASIO a excelente comédia de Ramada Curto «O Caso do Dia», na qual Amélia Rey Colaço tem uma das suas muito boas criações — a «Carmen». Coincidindo com esta «primeira», tivemos o debut do Actor Assis Pacheco, num pequeno papel da mesma peça.

O dia 19 é festivo em casa do Coronel Cristóvão Ayres, conhecido jornalista, crítico e também autor teatral. Cristóvão Ayres de Magalhães completa nesse dia 62 anos de idade.

No dia 20 de Dezembro de 1867 nasceu em Tavira o grande Mestre António Pinheiro. Depois de ter sido no Conservatório aluno de Rosa, pai, e de Gervásio Lobato, estreou-se no GYMNASIO em 28 de Outubro de 1886, no drama «Nobres e Plebeus».

Ar cénico

A actriz Laura Alves teve a sua festa no Sá da Bandeira — a primeira da sua vida artística, no passado dia 7. O facto merece de nós certo relevo por ter sido, nos últimos anos, a festa de maior emoção para o público e para uma artista.

— Virginia Soler, que é, indiscutivelmente, uma actriz genérica cheia de valor, passa grandes temporadas desempregada. Há misteriosos que não se devendam...

— Madalena Vilaça recusou, segundo nos dizem, o convite que lhe foi feito para actuar numa peça dos autores portuenses Arnaldo Leite e Campos Monteiro. Sem comentários...

— Abílio Alves, segundo parece, abandonou definitivamente o teatro. É pena, porque faz falta.

— O leitor já reparou no número considerável de cantadeiras de fado «promovidas por distinção» a vedetas de teatro e a primeiras figuras de companhia, especialmente em conjuntos destinados a «espadeiras» o público tripeiro?

— Na revista «A moda do Porto» há um número que merecia realmente ser bem desempenhado, não só pela linda evocação que representa, como pela maneira como está apresentada. «Mãos crimonosas» é o seu título. Há uma parte declamada e com a orquestra a tocar em surdina, que só deve dar resultado se a artista souber dizer. Irene Lizidro, por exemplo!

— O Coliseu do Porto, a casa de espectáculos desta cidade com maior lotação, vai finalmente ser destinado à sua verdadeira função — Circo.

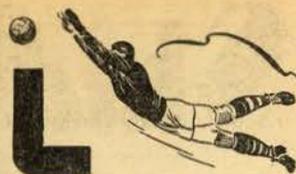
Depois de ter servido a teatro declamado, concertos, serões de arte, cinema, teatro de revista, etc., vai finalmente exhibir-se ali uma companhia de circo com pista armada em platéa. Vamos a ver se desta vez conseguimos ouvir alguma coisa.

— Maria Albertina fez a sua festa artística destinando o produto líquido à Casa dos Pobres. Muito bem, muito simpático o gesto, por demonstrar excelentes dotes de coração.

— A semelhança do nosso concurso de «Goal da Vitória», vai realizar-se no Sá da Bandeira outro com valiosos prémios, a atribuir aos espectadores que consigam perceber maior número de palavras pronunciadas por determinada actriz...



FUTEBOL



OS CAMPEÕES CONFIRMARAM O FAVORITISMO E O TÍTULO

Atlético 1 — Sporting 3

PARA a grande maioria do público aficionado da bola, o Sporting entrava na Tapadinha já com o campeonato ganhado, ainda que o obstáculo a transpor não fosse considerado fácil...

Deu-se o que se profetizava: os «leões», com o título no pensamento — iam a escrever: na algebeira... — chegaram ao resultado que ambicionavam, e não se mostraram dispostos a sofrer qualquer surpresa desagradável, embora tivessem consentido o primeiro tento da partida; e os atléticos, batendo-se com galhardia e convicção, dificultaram ao máximo, desportivamente, o desfecho que o Sporting precisava.

Resultado certo, pois, a premiar a superior categoria dos vencedores e, por escasso, a salientar o ardor com que os vencidos batalharam, quer na defesa, quer na construção de ataques.

A equipa «leonina» não se exibiu com o mesmo brilhantismo das suas duas anteriores saídas. O estado do terreno, quasi impraticável — e ao qual nem todos os elementos se adaptaram convenientemente — pode constituir justificação para o facto. Porém, pelas características especiais dos antagonistas, o Sporting, mesmo em campo mais propício, devia sentir embaraço em utilizar — se nele insistisse — o jogo de colocação que o avantajou, recentemente, sobre os seus dois mais directos competidores.

Em qualquer dos casos, mesmo com o senão apontado, os campeões de Lisboa, como se esperava, afirmaram classe superior sobre os atléticos e demonstraram merecer o título que conquistaram, ou, melhor: que não deixaram fugir...

A sinceridade com que os rapazes do Atlético se bateram — e que já apontámos — merece ser realçada e aplaudida. Não se impressionaram com a categoria dos antagonistas e lutaram, de igual para igual, por um resultado que directamente pouco lhes interessaria, mas que, a verificar-se, teria retribuição e significado invulgares (e consequências, para as aspirações alheias...)

A derrota, portanto, não os deslustrou, como nunca diminuiu quem generosa e lealmente (como no caso presente) procura evitá-la.

Aos 25 minutos, o Atlético colocou-se em vencedor. Um centro de José Lopes foi, de pronto, rematado de cabeça por Ramos Dias, que dirigiu o esférico para o lado oposto daquele onde Azevedo se encontrava.

O Sporting demorou quasi um quarto de hora para repor o empate. No «goal» colaborou quasi toda a linha do ataque, sem que um único alcantarensense tocasse no couro: Mourão, a meio do terreno, com um toque primoroso, pôs Soeiro em jogo; e este passou a bola a João Cruz, que, ao visar as rédes, proporcionou o remate de Pireza, já quasi sobre a meta.

Na segunda parte o Sporting construiu e confirmou a vitória, aos 16 e aos 29 minutos, beneficiando dum erro e dum lance infeliz da defesa adversária.

Soeiro e Cruz «discutiram» com outros tantos antagonistas a posse da bola, e foi um destes quem a entregou a Peyroteo — desmarcado — que se não fez rogado...

Por fim, um remate de Soeiro, atirado de longe, obteve êxito devido ao desvio de trajectória imposto pela intervenção desafortunada de Gregório, de modo tal que o guarda-rédes não pôde rectificar a colocação.

Alinhamam:

Atlético—Rosa; Baptista e Moura; António Correia, Gregório e Francisco Lopes; José Lopes, Catrinana, Ramos Dias, Armindo e Marques.

Sporting—Azevedo; Cardoso e Marques; Paciência, Nogueira e Canário; Mourão, Soeiro, Peyroteo, Pireza e Cruz.

Arbitrou o sr. Manuel Andrade Pinto, muito bem.

CARLOS CORREIA

A DEFESA do Benfica deu margem à vitória do seu grupo sobre o Belenenses...

O Benfica venceu, com inteiro merecimento, o encontro final do campeonato de Lisboa, defrontando o Belenenses, que o tinha derrotado na jornada inicial por 4-1.

Ganharam os «encarnados» por 3-0 — e aqui reside — na expressão numérica de «goals» — um desequilíbrio sensível de forças, que o somatório de jogadas verificadas parece, aparentemente, não justificar.

De facto, o Belenenses realizou melhor futebol que o adversário, no que respeita ao aspecto de ataque; o seu conjunto imperou durante 90 minutos do jogo como o melhor, e na baliza contrária os «cantos» de recurso sucederam-se em série.

Parece paradoxal, desta maneira, que digamos que o Benfica venceu com inteira justiça... É que, se é certo que são os avançados que metem «goals», não menos verdade é que as defesas, actuando à altura da sua função, podem neutralizar a acção daquelles, conseguindo, por vezes, estabilizar um resultado obtido em golpes de sorte, umas vezes... de justiça incontestável, outras...

O encontro Benfica-Belenenses teve duas partes distintas: Na primeira — de futebol quasi perfeito, bom não só no aspecto tático como na velocidade e energia dispendidas — o Benfica foi mais pratico — o Belenenses foi mais ordenado.

Viu-se jogar os interiores «azuis» na melhor toada — certa quebra pelo que diz respeito a José Pedro — bem apoiados pelos seus médios, e a condução do esférico até

à entrada da grande área foi realizada da melhor maneira — em rara precisão de passes.

Simplesmente, em luta com os defesas contrários, os avançados, que se podem reputar dos melhores que actualmente se exibem nos nossos campos, *deram de si...* sentiram a rudeza das entradas de Gaspar Pinto e César Ferreira.

Do lado dos «encarnados» jogou-se menos ordenadamente, mas com maior *poder* — isto é, com mais espirito de luta.

Os avançados do Benfica transpuseram a barreira formada pelos defesas do Belenenses com relativa facilidade — tanto mais que Feliciano perde facultades de desafio para desafio.

Dos erros da defesa «azul» nasceram os «goals» dos «encarnados». Da regularidade da defesa «encarnada» resultou improficuidade do labor dos avançados do Belenenses.

Daqui a justificação do acerto inicial. Por vezes a melhor defesa ganha um jogo.

Não são os avançados que resolvem sempre o resultado de um desafio de futebol.

Todavia, 3-2 — como corolário final — traduziria melhor a marcha do Benfica-Belenenses de domingo.

A êste resultado fez jus a equipa belenense na segunda parte do jogo, atacando insistentemente e rematando de todas as maneiras.

O guarda-rédes nacional fez, porém, uma exhibição de tal quilate — a melhor do campeonato que acaba de findar, que só por si, mesmo que não tivéssemos em linha de conta os ponderáveis já apontados, ela bastava para consagrar, justificar e fazer compreender a derrota do «team» que — relegado embora ao 3.º lugar da classificação — continuamos a considerar o grupo lisboeta que melhor tipo de futebol produz.

A defesa cumpre, com brilhantismo por parte de um homem que no futebol nacional marca uma posição especial — Gaspar Pinto.

E Martins é excepcional, também.

O ataque está longe, em conjunto, de criar uma maneira definida em tipo de jogo. Valem, por vezes, em lances que resolvem todos os obstáculos, os recursos pessoais de dois dos seus componentes.

Jogaram: *Benfica*: Martins; Gaspar e César; Jordão, Albino e Francisco Ferreira; Rogério, Brito, Julinho, Teixeira e M. Costa.

Belenenses: Salvador; Simões e Feliciano; Amaro, Gomes e Serafim; Franklin, Elói, Gilberto, José Pedro e Rafael.

António de Almeida arbitrou imparcialmente, errando, algumas vezes, no julgamento dos «foras de jogo».

II DIVISÃO DA A. F. L.

A décima jornada do Campeonato da II Divisão da A. F. L. foi prejudicada pelo mau tempo, que impediu a realização dum encontro.

Dêste modo só se disputaram três desafios, que tiveram os seguintes resultados:

Estoril Praia, 8 - *F. Benfica*, 1.
Sacavenente, 5 - *Marvilense*, 1.
Chelas, 2 - *Casa Pia*, 1.

O expressivo triunfo alcançado pelos estorilenses não constitui surpresa, tão bem lançada a equipa vai para a conquista do título. Parece-nos que o atractivo dos encontros de que participe o Estoril Praia está agora em ver até que ponto chega o poder de realização dos seus avançados. Desta vez o F. Benfica não se deu bem com o terreno enlameado...

Os homens de Sacavém, depois da quebra de rendimento que se seguiu ao seu brilhante começo de prova, voltam a impor-se, decididos a occuparem um posto de honra na tabela da classificação. Em

dois desafios: 11-3 — o que revela a boa forma da equipa.

O desafio entre casapianos e chelenses foi o único de resultado indeciso até final. O Chelas obteve uma vitória lisonjeira, pois o Casa Pia jogou mais do que o suficiente para ganhar. A pouca sorte persegue os «gansos» e os chelenses accusam irregularidade nas suas exhibições, alternadamente aceitáveis e deficientes.

Ficou por disputar o encontro S. L. Olivais-Operário, que, por dever ser jogado no campo do primeiro, tornava favoritos os «encarnados».

A classificação ficou assim ordenada:

	V.	E.	D.	Bolas	P.
1.º Estoril.....	9	1	—	52-14	29
2.º Sacavenense.....	6	—	4	29-20	22
3.º Chelas.....	5	1	4	19-18	18
4.º Olivais(*).....	5	1	3	17-20	20
5.º F. Benfica.....	4	1	5	18-25	19
6.º Marvilense.....	3	1	6	18-28	17
7.º Operário(*).....	1	4	4	13-22	15
8.º Casa Pia.....	1	1	8	8-27	13

(*) Têm menos um jogo.

(Continua na pág. 72)

JOAO BRAZ

GUSTAVO TEIXEIRA

novo seleccionador lisboeta
fala à STADIUM

GUSTAVO Teixeira é, como se sabe, o novo seleccionador do futebol lisboeta, sucedendo a José Simões que, por se encontrar na presidência do Conselho Técnico da A. F. L., renunciou do cargo que exerceu com indiscutível autoridade.

A poucos dias de distância da realização dos encontros Pôrto-Lisboa e Lisboa-Santarém — iniciativa feliz, que reata uma antiga e interessante tradição futebolística — quizesmos ouvir a opinião do novo seleccionador acerca da missão que lhe foi confiada.

O antigo e brilhante jogador, doze vezes internacional, dos maiores valores do futebol português de todos os tempos, volta, assim, depois de dois anos de prematura ausência, a tomar contacto com a «aficção» da bola.

—Afirma-se, insistentemente, que Gustavo pretende modificar o padrão de jogo que impera agora nas melhores equipas lisboetas, fazendo actuar os grupos a constituir dentro do sistema que julga mais adequado ao temperamento dos nossos jogadores...

Esta foi a primeira pergunta que



formulámos e que obteve pronta e precisa resposta.

—Sou, de facto, partidário do jogo abertamente ao ataque, não só porque se harmoniza melhor com a maneira enérgica e combativa que caracteriza a maioria dos nossos jogadores, mas ainda porque encerra maior beleza espectacular, permitindo a efectivação de mais emotivo futebol.

—«Isto não quer dizer que o chamado jogo de posição, na marcação estreita de jogador por jogador, agora tanto em evidência, não se revista, também, de indiscutível valor e de marcada utilidade».

«Julgo, todavia, que muitos «players» de personalidade técnica mais vincada e de exuberância e foga mais acentuadas não podem pôr em equação — tolhida



Reflexão profunda, no xadrez

Instituto Superior Técnico

CARO leitor: Suponha que se encontrava na nossa Redacção, conversando connosco acerca de desporto e colectividades desportistas. Suponha ainda que, ao comentar as deficientes instalações da maioria de tais colectividades, lhe falávamos de determinada associação, bem perto de nós, cuja sede dispõe de recintos apropriados e especialmente construídos para a prática de vários desportos, englobados em conjunto harmonioso e disposto com inteligência, ao qual não faltam os requisitos técnicos e higiénicos considerados indispensáveis.

Conhecendo a modéstia de tudo quanto existe entre nós no género, teria certa razão para natural incredulidade... Sorriria — e só deixava de pôr abertamente a sua total descrença na nossa informação por mero preceito de delicadeza...

Pois bem, prezado leitor: não exagerámos — antes ficámos um pouco aquém da realidade! E se não está convencido, dê-nos o braço e subamos juntos, paulatinamente, em saudável passeio, nesta excelente tarde de inverno soalheiro, até lá acima ao alto do velho Arco do

Cego — que não tem arco nem cego, como já afirmou alguém...

Eis-nos na nova avenida Rovisco Pais e só nos resta entrar por um dos portões do imponente Instituto Superior Técnico. Lá em baixo, à direita, surgem-nos, entre outros, dois vastos edifícios. Entremos ainda — e chegámos...

Está desvendado o «mistério»: estamos na Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. E qualquer coisa de notável no género e certamente caso único no nosso país. Deve-se à larga visão de um ministro de vastos empreendimentos: Duarte Pacheco. Não há luxo — mas roça pelo grandioso.

Veja, caro leitor, à esquerda do «hall», que belo ginásio, também utilizado como «courts» coberto. Entre nesta porta, à direita, e deite o seu admirado olhar pela linda piscina, que abrangerá da galeria que a rodeia. Acompanhe-nos ainda: desça a vasta escada de mármore. Temos neste pavimento inúmeras salas, onde encontraremos vários jogos recreativos, entre os

(Continua na pág. 11)

de certo modo a sua acção individual nos moldes apertados a que o jogo de marcação rigorosa obriga — toda a gama dos seus recursos. É claro que se verificar, nos dois treinos que vou levar a efeito, dificuldades de adaptação ao tipo de futebol que preconizo, a toada dos grupos representativos da capital não deixará de afinar pelo diapasão perfilhado nas nossas principais equipas.

Gustavo Teixeira diz-nos, depois, que procurará utilizar os melhores valores disponíveis, sem distinção entre novos que esta época surgiram repletos de qualidades e a afirmarem boa forma. Confia na vitória do grupo que vai defrontar o «team» do Pôrto — dado que, em sua opinião, se está jogando mais em Lisboa do que na capital do Norte — mas não oculta as dificuldades que os lisboetas vão encontrar na sua deslocação, visto

que os jogadores portuenses se agigantam, sempre que animados pelo seu entusiástico público.

A finalizar a breve e despretenhosa entrevista, Gustavo diz-nos da sua satisfação por ter assumido o cargo que a A. F. L. lhe atribuiu, lamentando que José Simões, a cuja competência presta inteira justiça, não tenha querido continuar a exercê-lo. A sua paixão pelo desporto que alucina as multidões transparece nas palavras com que se despede de nós e compreende-se bem se considerarmos que Gustavo foi jogador de primeira categoria durante 14 anos — dos 17 aos 31 — tendo iniciado muito novo a sua carreira futebolística no «team» escolar da Casa Pia e que só uma lesão do joelho esquerdo o obrigou, com desgosto, a abandonar a actividade — ainda pletórico de recursos...

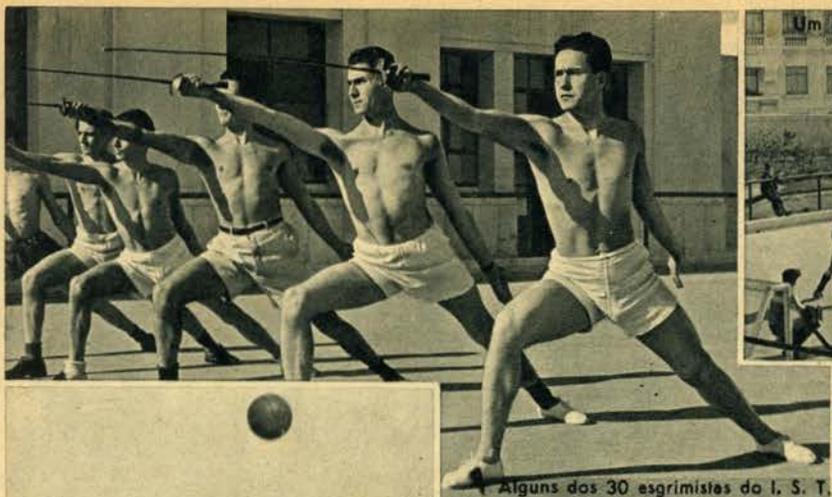
JOÃO BRAZ



Um exercício na barra às primeiras horas da manhã



Uma linda atitude no ténis

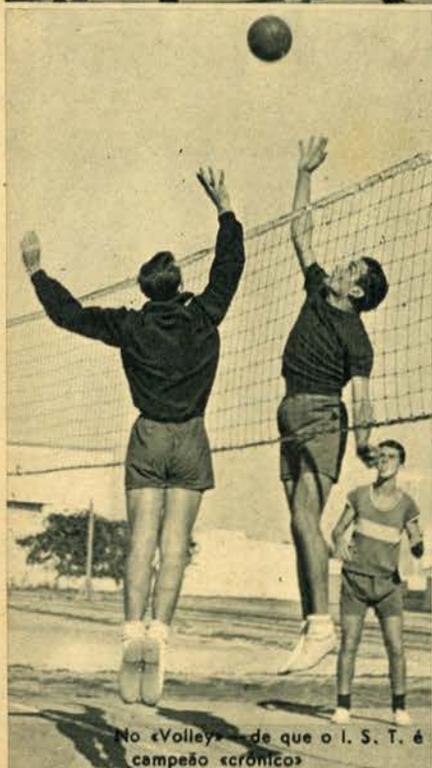


Alguns dos 30 esgrimistas do I. S. T.

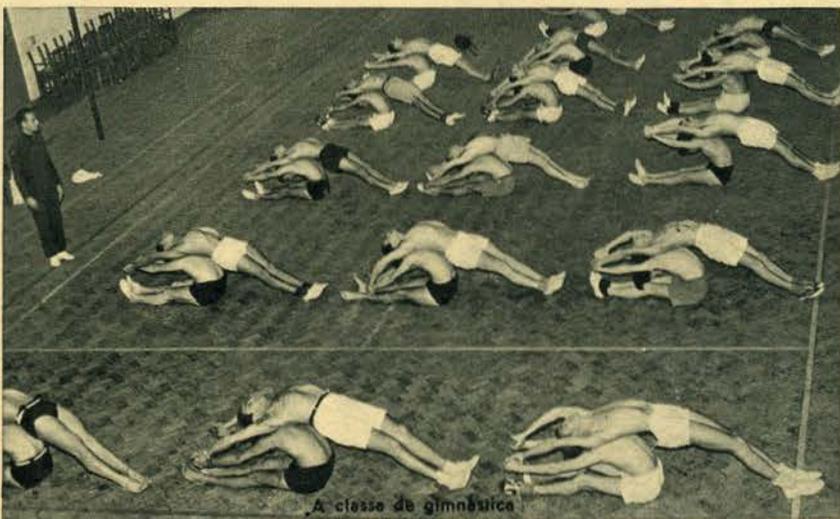


Um encontro de hockey no excelente «rink»

VISITANDO A ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO S. TÉCNICO



No «Volley» — de que o I. S. T. é campeão «crónico»



A classe de ginástica



Outra manifestação de actividade: «Baskets»



M. Gomes da Costa Massano de Amorim — herdeiro de dois nomes gloriosos — cuida da sua preparação



A LUTA PELO 2º LUGAR ENTRE BENFICA E BELENENSES



1
Martins desvia para "canto,"
um remate de Gilberto

2
Salvador defende sob as vistas
de Simões

3
Martins e Gaspar Pinto na
brecha...

4
O futebol oferece-nos atitudes
de rara beleza como esta

5
Salvador atinge o limite da
grande área para repelir a
bola a pontapé

6
Como entrou o 2.º "goal," do
Benfica

7
Que importa que a água caia
a "potes,"? Os entusiastas não
arredam pé...



A SEMANA ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1 e 2 — Aspectos da palestra que Jorge Vieira proferiu na F. P. F. A., sobre arbitragem, perante numerosa assistência de juizes de campo da A. F. L. Na mesa da presidência vê-se o sr. tenente Antonio Cardoso, em representação do sr. Director Geral dos Desportos, ladeado pelos presidentes da Federação e da Associação de Futebol.

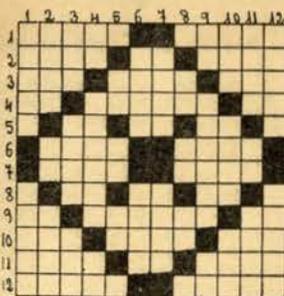
3 — Na festa do Grupo Desportivo do Credit, efectuada no salão de "O Século", aspecto da homenagem ao sr. Pereira da Rosa, director de "O Século", promovida pelo Sporting Club da Penha no domingo.

5 — O 40.º aniversário do C. I. F. O capitão da equipa de "Volley", do Benfica recebe uma placa comemorativa.

6 — Os concorrentes à prova de "cross", do Atlético C. Portugal, disputada no passado domingo.



ALAREIRA



Alcázar - Lisboa

HORIZONTAIS

1—Medida equivalente a uma braça (pl.); Gratificação aos trabalhadores do campo, além da jornada. 2—De mim (pl.); Nota musical; Inquietar. 3—Grande serpente ofídica, não venenosa e da classe dos reptis; Ave galinácea; Prof. gr. *Justamente*. 4—Batráquio; Calceão composto de muitos grãos esféricos; Prep. e Art. 5—Postura; Art. f. (pl.); Nota musical. 6—Vereador; Fóra. 7—Tulha onde se guardam os trigos; Contesto. 8—Interj. exprime qualquer afecto veemente; Fantástica; Lenha má. 9—Art. (pl.); Prova; Sempre que. 10—Nô; Cúbite; Instaurador. 11—Altitivo (pl.); Prep. e Art. (inv.); Juba de leão. 12—Lugar muito aprazível; Moldura da base das colunas (pé).

VERTICAIS

1—Cão para caçar veados; Cór de fogo. 2—Mulher elegante; Causas; Pertencença. 3—Escalvada; Demora; Mulo (pl.). 4—Art. f. (pl.); Orla de engastes em obras de ourivesaria; Nota musical. 5—Coisa insignificante; Cada uma das metades do navio, considerada longitudinalmente; Pronome pessoal. 6—Lacuna numa escritura; La dos carneiros. 7—Gênero de plantas; Barras em ângulo (no braço). 8—Dó (nota de música); Inda; Suspensa. 9—Decorar; Vale muito apertado entre dois montes; Com. 10—Prep. e Art. (pl.); Levante; Trajar. 11—Distôrme; Prep. e Art.; Entrecasco. 12—Armao (pl.); Cabos que atracam as enxarcias.

Problema N.º 2

Instituto Superior Técnico

(Conclusão da pág. 6)

quais o intellectual xadrez, o ping-pong, esgrima, box, etc.. Extasie-se uma vez mais perante a piscina, cá de baixo, para encanto do olhar.

Saiamos agora para o recinto virado ao sul e poderemos admirar o óptimo «rink» de patinagem. Uns passos mais e veremos aparelhagem para a prática da gymnástica aplicada, ao ar livre, sob o vivificante tónico do sol.

Contornemos a mole imensa do gymnásio, subamos ao terrapleno superior, que já atravessámos á chegada, e vejamos mais as pistas de atletismo e as caixas de saltos, os campos de «volley-ball» — o desporto mais querido destes estudantes — e de «basket». Em frente, a pequena mas boa carreira de tiro. Mais além os cuidados «courts» de ténis. Por toda a parte ar, luz, hygiene, desporto — saúde...

E tudo isto em rosário que parece não acabar — completado ainda pela secção cultural, com a sua biblioteca, a aviomiologia, a secção fotografica.

Caro leitor: ficou boquiaberto... É lógico. Quem suporá que existe entre nós uma associação que pra-

«Ah! se eu fôsse dos jornais!...»

É bastante freqüente ouvir-se, a propósito de tudo e de nada, como fecho de desabafo e até servindo de «destempêro» para os nervos, a desolada exclamação que nos serve de título: «Ah! Se eu fôsse dos jornais!...»

No campo de futebol ou no «elétrico», em casa ou durante o trabalho, — todos se sentem, em tais momentos, capazes de endireitar o mundo ou, pelo menos, de redimir todas as injustiças...

Pois bem: resolvemos — pelo que se refere ao desporto, evidentemente — proporcionar aos nossos leitores a oportunidade de «serem dos jornais!»

Sempre que o espaço no-lo permita, *Stadium* reservará uma coluna para a publicação de artigos, crônicas ou comentários, através dos quais todos os que se sintam com alma de «jornalista» poderão ver, na suspirada «letra redonda», a prosa que alinharam em momentos de inspiração...

Quem nos diz que não daremos aso á revelação de desconhecidas intuições, propondo a muitos a almejada oportunidade de desenvolverem o seu bem intencionado pensamento perante o público?

Como é natural, esta «colaboração» dos nossos leitores terá de ficar rigorosamente subordinada a duas condições de carácter primordial: sujeitar-se, sob todos os aspectos, á censura da redacção, de acôrdo com a rígida directriz que impomos a nós próprios — e manter-se sempre dentro da maior verdade, lealdade, elegância moral — cavalheirismo, numa palavra!

Aqui deixamos reservado, dentro deste lema, o cantinho para os nossos leitores que se sintam com inclinação para as letras... E não só para os leitores: também muito interesse, e até prazer, teremos em receber das nossas leitoras as suas impressões, comentários ou juízos sobre o «pão nosso de cada dia» das coisas desportivas. A mulher portuguesa segue já com bastante atenção tudo quanto se relaciona com a educação física, mas não se tem mostrado inclinada a oferecer-nos as suas críticas, as suas opiniões. Ora a agudeza do espirito feminino revestiu-las-á, certamente, de particular e requintado sabor...

Stadium dá a todos esta oportunidade de dizerem o que pensam. Mãos á obra...

Um concurso para toda a gente

QUEM MARCA O GOAL DA VITÓRIA?

SUPUSEMOS, em boa lógica, que a notícia do concurso «Goal da Vitória» iria suscitar no público a maior expectativa.

Chegam-nos perguntas das mais extravagantes. Nisto de concursos, há sempre quem procure destrinçar frinças nas portas herméticamente fechadas... Todas as dúvidas serão esclarecidas, se dúvidas houverem, consistentes e plausíveis.

O concurso do «Goal da Vitória» vai constituir, disse estamos certos, um assinalado sucesso, pelo indetismo da sua mecânica e pelo quantitativo de prémios, realmente nunca iguaesados por qualquer publicação desportiva do nosso género.

Pode dizer-se que é *tudo o mundo* a habilitar-se: público e jogadores!... Os aficionados elegendo os nomes que se lhes afiguram com probabilidades de marcarem o tento decisivo. Os jogadores pondo á prova as suas qualidades de «goal-scorsers». Como hoje há em Portugal, que saibamos, um guarda-rêdes que marca «penalties», a hipótese de que seja êle a marcar o

tica educação física, com mais de uma boa dúzia de desportos em actividade e devidamente instalados?

Pois existe: é a Associação dos Estudantes do I. S. T. com os seus quinhentos sócios — que saúdamos com simpatia, certos de que saberão servir o país — na vida e no desporto!

AVELAR MACHADO

Levemente...

Merecido louvor

NEM sempre, felizmente, há razão para falar mal, o que não quer dizer que devam desperdiçar-se as ocasiões de louvar e de pôr em realce factos que, pelo seu significado, contribuem para o prestigio do Desporto e dos seus praticantes, quer êles sejam amadores puros... ou não...

Quero referir-me ao brio e á sinceridade — á visível convicção — com que se bateram, no último domingo, os jogadores da equipa de honra do novel Atlético Clube de Portugal.

Era um encontro decisivo para os campeões. Havia, latentes, interesses de terceiros. Os rapazes do Atlético não se impressionaram nem com uma coisa, nem com outra. Fizeram o seu jogo. Procuraram atingir a finalidade que deve animar todos os que participam de uma pugna de desporto, ainda que, verdadeiramente, o resultado, como se costuma dizer, não os aquecesse nem os arrefecesse, a não ser por uma hipótese muito remota...

Mas era o seu brio e era o bom nome do clube que estavam em causa, era a sua qualidade de jogadores de primeiro plano que tinham de dignificar. E não hesitaram. Mostraram merecer em tudo (no ardor, na compostura, no entusiasmo) o titulo de desportistas. Bem hajam, pois, pelo elevado espirito de que deram provas. Compriram o seu dever? Evidentemente. No entanto, em idénticas circunstâncias, já se tem visto gente que enverga uma camisola, que lhe compete honrar em todos os transees, alhear-se dos acontecimentos só porque o resultado de uma pugna ou de uma classificação já não interessam directamente... Por isso, o comportamento dos agueridos atléticos não merece ficar na penumbra.

Aqui os louvo, pública e sinceramente, pela satisfação que proporcionaram ao meu espirito de devoto fervoroso desta nobre causa, que, com exemplos como êste, tanto se prestigia e dignifica. Bem hajam!

RUI DE LISBOA

7.º — O PRÊMIO ESPECIAL, de Esc. 10.000\$00, caberá ao concorrente que durante o campeonato, tenha acertado em cada domingo, com, pelo menos, um dos nomes dos marcadores, e será conferido consequentemente no FIM DA COMPETIÇÃO.

8.º — Quando houver mais de um concorrente qualificado para qualquer dos 4 prémios, o valor destes será distribuído equitativamente por todos.

9.º — Como é óbvio, visto tratar-se de «goal da vitória», os empates não contam.

10.º — AOS JOGADORES QUE MARCAREM O ÚLTIMO «GOAL» — O «GOAL DA VITÓRIA» — SERÁ ATRIBUÍDO UM PRÊMIO DE ESC. 100\$00.

Veremos quem, de Janeiro a Maio, vai semanalmente cantar vitória com o «Concurso do «Goal» da Vitória» e no fim da prova cantar-á mais de alto, com os dez mil escudos!...

CAMPEONATO DE FUTEBOL UNIDOS — FOSFOROS

Os visitados fizeram 22 «goals» sem resposta...

EXPLIQUE-SE, antes de mais nada, o sentido deste título: porque, em verdade, os unidistas marcaram vinte e dois «goals», sem resposta dos marvilenses! Veja-se então: doze em segunda categoria; mais dois na partida de reservas (que o Fósforos abandonou a cerca de vinte minutos, por estar em inferioridade numérica); e, finalmente, oito pontos no desafio principal, três de Tanganho, dois de Brito, um de Carlos Pereira, Gralho e Félix; o do último na própria baliza! Quere dizer: todos os «goals» dos três jogos do Lumiar-A pertencem a elementos unidistas...

Até o intervalo houve um «team» a mandar dentro do terreno, a jogar consoante se impunha nas circunstâncias. E esse foi o do Unidos. Bom sentido de jogo do trio intermediário — a levantar a bola, como aconselhava o bom senso em face do estado deplorável do terreno. Acerto na defesa, com Leonel a comandar. Mas no ataque é que os unidistas falharam — por «mais isto e mais aquilo»; excesso de «driblings» curtos (prática contra-indicada em terreno enlameado) e evidente falta de remate.

Mas o Fósforos não teve quem o guiasse na emergência. Lutou, é certo, com tenacidade e estoicismo. Mas isso só não basta. Careceu de um orientador e também de um condutor da linha dianteira: Cruz, nesse capítulo, foi uma nulidade. Um homem, porém, esteve à altura das circunstâncias: Rogério — ver-

dadeiro herói do jogo, «vedeta» do desafio e que pelo tempo adiante veio a inculcar ânimo aos companheiros, só pela sua actuação justificando a demora na construção da derrota ampla que se aguardava — e afinal veio a confirmar-se, aliás sem culpas suas...

Chegou-se ao período de descanso com um «goal» apenas: de Tanganho (o «scorer» do «match») em conclusão de uma jogada em que também tomaram parte Brito, Rebelo e Gralho — sem que nenhum adversário tocasse na bola! E quando, logo no reatamento do jogo havia dois minutos — Félix (Unidos) em lance infeliz, fez o «goal» do Fósforos, pairou por momentos uma vaga de descrença nas hostes unidistas. Uma réstea de sol veio então beijar ao de leve o campo — e isso pareceu animar um pouco unidistas e marvilenses; os primeiros, presentindo o perigo próximo, empenharam-se no ataque; e os últimos lutaram com valentia por um resultado mais airoso. Mas só quando Tanganho desempatou (a novo passe de Gralho) é que os apaniguados do «team» da casa respiraram mais fundo...

Depois — encontrado o caminho do triunfo; quere dizer: «abertas as válvulas!» — foi apenas questão de «goal» a mais ou a menos. E marcaram-se outros cinco: de Carlos Pereira, com uma recarga portentosa, de uma fuga de Brito; de novo por Tanganho (o 5.º); de um vistoso golpe de cabeça de Brito; e, finalmente, dum «shot» de Gralho.

Fixem-se, para a história do torneio, os nomes dos comparsas do jogo:

Unidos — Eduardo Santos; Armando e Leonel; Baptista, Carlos Pereira e Félix; Alexandre Baptista, Rebelo, Tanganho, Brito e Gralho.

Fósforos — Rogério; Maia e Antunes; Isidoro, Custódio e Albino; Manita, Ferreira da Silva, Cruz, Banhos e Borges.

Árbitro: sr. Mário Ribeiro Sanches.

JORGE MONTEIRO

GAZETILHA

Rapsódia final

*Quei dizer ao luar
(Em jeitos de namorado)
Que o «team» do Lumiar
Apesar de... fatigado
Vinha, afinal, a ganhar...*

*Teve razão o amigo
Que tão bem soube prever
Dum modo que eu não consigo...
— P'ra o Sporting vencer
Ficaram dois... os postigo!*

*Já cantavam — de poleiro
Belenenses e Benfica
Com vista ao lugar primeiro!
Tenha pena do que fica
Ainda a ver o padeiro...*

*Os outros da «confraria»
— De Marvila à Tapadinha
Não viram a luz do dia...
Só os três... da «panelinha»
Dividem boa maquia!*

*Em conclusão disto tudo
(Digo aqui a puridade!)
— O torneio é... bem miúdo;
Só p'ra um: eis a Verdade!
E p'ra os outros — um canudo!*

*Já se acabou a função
(Não há ninguém que o negue)
Saída se o campo;
Venha o senhor que se segue...*

ZECAS TLÃO

José Pio Monteiro
TRANSPORTES MECANICOS
Segurança e rapidez

A Transportadora de Alcântara
DE
Juliano Custódio e Frutuoso Mertins
TRANSPORTES MECANICOS
Economia e Segurança

II DIVISÃO da A. F. L.

(Conclusão da pág. 1)

Poucas alterações se operaram nas classificações. O Estoril continua a honrar a sua posição de «leader». Sacavenense e Chelas buscam uma posição mais de harmonia, senão com o seu mérito actual, pelo menos com a sua tradição. Futebol Benfica e Marvilense parecem vir a ficar na segunda metade da classificação. E o Casa Pia continua a ser portador da «lanterna vermelha», mais por má sorte do que por falta de valor para evitar tão ingrata posição.

A próxima jornada comporta: Operário-Casa Pia, Chelas-Sacavenense, F. Benfica-Marvilense e Estoril-Olivais. Todos os desafios se apresentam com motivos de interesse pela possibilidade de defenir melhor os lugares da classificação, numa altura em que pode já começar a pensar-se no fim da competição.

ZÉ DO PEÃO

Joalheria - Ourivesaria - Relojoaria
CASA DAS BENGALAS
RUA DA PRATA 87 A 91
Telef. 20256 LISBOA
Colossal sorriso em
taças de prata para
prémios desportivos

FUTEBOL PORTUENSE

Notas & Comentários

A jornada do campeonato regional realizada no passado domingo veio esclarecer um pouco o enigma do segundo classificado. Um candidato reúne o maior número de probabilidades — o Leça — e outros têm possibilidades — o Leixões e o Salgueiros. Quanto a nós o Académico deve ficar mesmo na 2.ª Divisão. Entretanto, a bola é redonda, e nós não temos parentesco com adivinhos ou cartomantes, para ousarmos fazer vaticínios.

Comentamos... e chega.

No passado domingo um grupo cometeu uma proeza que não contávamos: trata-se do clube do Lima, inferiorizado no seu sector defensivo por castigo aplicado a António Jorge e pela prorrogação da penalidade aplicada a Rafael. Bom será que os jogadores tomem um pouco de tento nas suas atitudes. Vamos lá que o seu grupo conseguiu fazer o melhor, isto é, não desfazer a sua vantagem, empatando pela sexta vez. Foi um encontro emotivo, tanto mais que o Leixões se colocou em vencedor a poucos minutos do início do jogo.

O Boavista que havia feito um jogo muito interessante com o Leixões, perdeu em casa com o Salgueiros, mas perdeu bem, isto é, sem apelo nem agravos. Os «encarnados» foram superiores em todo o encontro, denotando até uma melhoria de forma. Pena é que estas coisas se não notem com regularidade; um grupo que hoje joga bem deixa mal quem escreve, pois no domingo seguinte, é uma lástima. E caso para se pensar se não andarál ali vontade de arreliar o crítico. Será? Pois, sim senhor, o Salgueiros saiu-se, ressarciu-se da derrota gloriosa dada pelo Pórt, e convenceu quem o viu. E candidato... e está tudo dito. Quanto ao Boavista desiludiu-nos. Nem meia defesa nem ataque deram conta de si. Aquilo lá por casa parece já um caso permanente. Até um dia, naturalmente.

O F. C. Pórt jogou sem Bela Andraski, seu guarda-rédes titular, castigado com quinze dias de suspensão. Se o castigo foi aplicado por coisas que vimos, achamos muito bem. Disciplinar, enquanto é tempo. Entretanto fez um jogo vistoso, firme, talvez um dos melhores deste torneio. Inferiorizado com a expulsão de Correia Dias — quem diria! — manteve-se no ataque com insistência, não deixando respirar o adversário. Venceu e treinou, com vista ao campeonato nacional. Houve entendimento entre os sectores, domínio de bola e certa dose de afoiteza sobre as balizas do Leça. E vencer o Leça em casa é caso raro. Não admittamos a derrota do F. C. Pórt, mas também não julgamos fácil a sua vitória, como assim sucedeu. Não obstante a luta animosa dada pelo sector defensivo da beira-mar, os visitantes avantajaram-se no terreno e foram, finalmente, superiores em tudo: no marcador, na técnica e na condução do jogo.

FLOREANO BASTO

SERRALHA & CORREIA, L. DA
R. Eugénio dos Santos, 9, 2.º-E.
Telefone a 7307 // ALFAIATARIA
Fatos para todos os desportos

Assine a Revista «Stadium»

O mais fiel depositário do movimento desportivo do País

PREÇO DE ASSINATURA

3 meses Esc. 19\$50

6 » » 39\$00

12 » » 78\$00

A «BOLA» dos 6.000 contos
está à venda no

«O Pão Quente»

ROSSIO, 19 e 20 — Telef. 27664 — LISBOA

Envia lotaria pelo correio

SORTE!!! DINHEIRO!!!

O Sporting campeão pela 16.^a vez

NO princípio da época poucos apostaram pelos «deuses». Os primeiros jogos — as exhibições da equipa e as dificuldades sentidas perante adversários de menor cartel — confirmaram as previsões desfavoráveis. Depois, o empate alcançado na relva das Salesias fizera nascer uma alma nova aos simpatizantes do Sporting... Mas o revez, demasiadamente expressivo, sofrido no Campo Grande, no domingo seguinte, fez empalidecer as esperanças que renasciam...

Veio a segunda volta. O «onze» começou a manobrar melhor. Transpôs com um resultado amplo o primeiro obstáculo considerado difícil (contra Unidos). Ganhou confiança. E veio o jogo contra o Belenenses... E veio o tradicional derby... O Sporting, contra a previsão dos que descreiam ainda do seu poder, obteve duplo triunfo! Uma semana antes do fecho da competição, o clube do leão simbólico era virtualmente considerado campeão de Lisboa da presente época. Conservaria o título.

É certo que lhe faltava ainda visitar a Tapadinha. Esta deslocação, para os dois mais poderosos adversários do Sporting (que nessa mesma tarde iam decidir entre si uma questão de supremacia) era ainda uma superação. Para os «deuses» era apenas uma formalidade... Não porque ali, nesse mesmo terreno, outros em situação idêntica e com o título também à vista, não tivessem sofrido já um revez desastroso e impressionante. Mas os sportingistas confiavam. Não se deixariam surpreender... Confiavam no «poder» do «team», na vontade firme dos seus componentes, no entusiasmo evidenciado nas anteriores jornadas, naquelas que, verdadeiramente, tinham decidido a contenda...

Claro que a ansiedade dos partidários do Sporting viveu durante mais uma hora e meia. Mas o perigo passou. E, a despeito do desportivismo com que se bateram os rapazes do novo Atlético, os «deuses», como era natural, levaram a melhor, confirmando assim a posse dum título que, intimamente, todos lhes haviam entregado...

O Sporting Clube de Portugal está, pois, de parabéns. Merece-os, não só pelo mérito e justiça do seu novo triunfo; pela correcção e apuro com que soube defender o título; mas, também, pelas dificuldades que teve de enfrentar e vencer, a maior das quais foi, talvez, a quantidade de jogadores doentes e lesionados que teve durante o curto torneio.

★

Com este novo triunfo, o Sporting aumenta o seu impressionante «record» de vencedor da prova. Dezanove vezes a ganhou, contra dez do Benfica, quatro do

Belenenses, três do Carcavelos — estes os primeiros disputados, dois do Vitória, um do Internacional e um do Casa-Pia.

A primeira vitória dos «deuses» foi na época 1914-15, triunfo que se repetiu em 1918-19, 1921-22, 1922-23, 1924-25, 1927-28 e 1930-31.

Depois veio a série grande. Desde 1933-34 até à presente época — dez campeonatos — uma vez apenas, em 1939-40, o Sporting deixou de ser o primeiro classificado, perdendo nesse ano o título, pelo «goal-average», em benefício do Benfica, e mercê da anulação dum tento que ainda hoje perdura no espírito dos adeptos do clube...

A tendência do Sporting para ganhar o campeonato de Lisboa tem sido várias vezes focada e os factos encarregam-se de a afirmar exuberantemente. Mas justo é que se dê o devido relevo a esta circunstância, pois tal supremacia está valorizada pelo facto dos campeões quasi crónicos da Capital terem sempre à sua ilharga, além das outras equipas que episodicamente surgem com possibilidades, as duas, da sua igualha, que lhes levantam as maiores dificuldades: a do valoroso Belenenses e a do Benfica, seu eterno e persistente rival. Estas dificuldades não podem, pois, comparar-se às sentidas pelos campeões crónicos de outras regiões, onde a vontade de os destronar é grande, mas as possibilidades dos demais concorrentes muito mais reduzidas.

★

Nos dez jogos que disputou, o Sporting utilizou os seguintes elementos: guarda-redes — Azevedo (8 vezes) e Dores (2); defesas — Cardoso (7), Barbosa (6), Manuel Marques (4), Frazão (2) e Veríssimo (1); meios-defesa — Paciência (10), Daniel (7), Canário (5), M. Marques (4), Lourenço (2) e Nogueira (2); avançados — Peyroteo (10), Cruz (10), Mourão (7), Soeiro (6), Hermitério (5), Pirez (5), França (3), Daniel (2) e Canário (2). Ao todo, 29 jogadores.

Pela sua categoria e pelo número de vezes que alinharam no «team» podem considerar-se, individualmente, campeões de Lisboa, na época 1942-43, os seguintes: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Barrosa, Paciência, Daniel, Canário, Mourão, Soeiro, Peyroteo, Pirez, Cruz e Hermitério.

Sobre estes dados e para os coleccionadores de estatísticas e para os interessados em pormenores pessoais, acrescentamos:

Mourão é o mais antigo jogador de primeiro plano em actividade. Alguns o ultrapassam em idade; outros o igualam em fidelidade clubista; nenhum, porém, o alcança no número de campeonatos regionais ganhos: 10. Neste capítulo, Soeiro

O BENFICA volta ao hand-ball!...

disse-nos o vice-presidente da Direcção

A proximidade do Campeonato de Lisboa traz em azáfama constante todos os que se dedicam a esta interessante modalidade. Uns e outros procuram fazer melhor do que nas épocas transactas, reforçando as equipas ou sujeitando a treino aturado os onze que não foi possível enquadrar com novos elementos. De tudo isto se desprende que a época oficial, a inaugurar em breve, decorrerá animada e emocionante...

Novos dirigentes, regras remodeladas, um clube a praticar pela primeira vez o «handball» e uma reaparição sensacional — a do Benfica!

A surpresa deve causar prazer aos inúmeros adeptos dos «encarnados» e, para acalmar um pouco a curiosidade de que devem estar possuídos, vamos pô-los em contacto com quem iniciou no clube o

aproxima-se-lhe, com o. Vem a seguir: Pedro Pirez (7) e Azevedo e João Cruz, com 6 cada.

Dos treze elementos que apontamos como campeões desta época, Mourão é industrial, Soeiro, funcionário público, Pirez trabalha na C. P., Barrosa é estudante e Hermitério mecânico. Os restantes estão empregados em diversos organismos corporativos.

E porque, recentemente, muito se tem falado em «novos e velhos», registemos as idades deles: 33 anos — Soeiro; 31 — Mourão e Pirez; 28 — Cardoso; 27 — Paciência, Cruz e Azevedo; 24 — Canário, Marques e Peyroteo; 23 — Daniel; 21 — Barrosa e 20 — Hermitério.

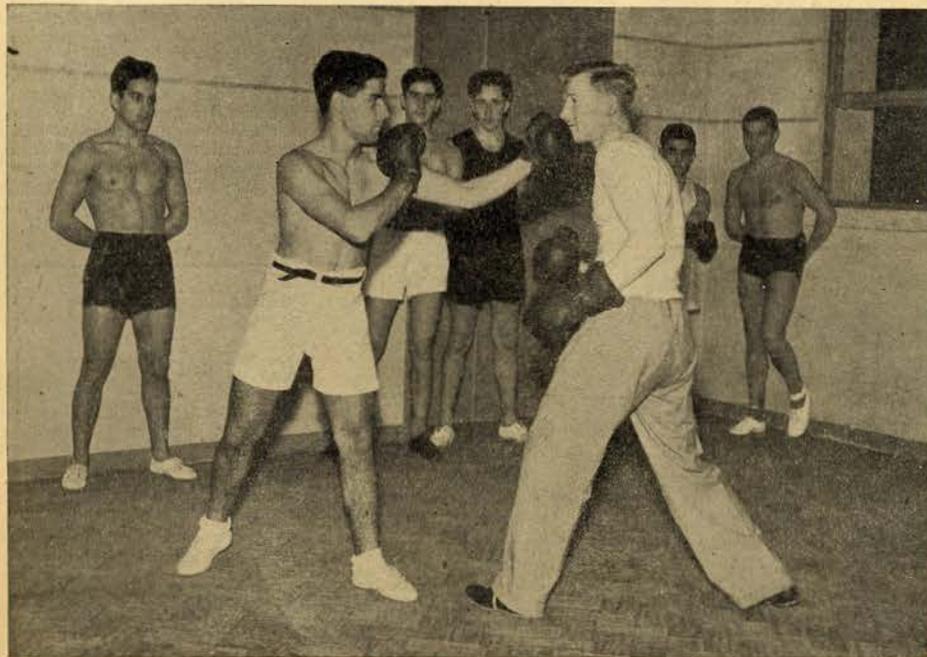
Se pensarmos que o Sporting dispõe ainda de outros elementos de primeiro plano, como Nogueira e Armando Ferreira, que não contam mais de duas dúzias de anos, concluiremos que a equipa não é, no conjunto, muito mais idosa que outras apontadas como jovens.

A maioria dos campeões de Lisboa não é portanto (mesmo em futebol), constituída por velhos... Serão talvez, mais antigos...

C. C.

movimento a favor da prática da modalidade.

Não é uma entrevista que oferecemos, pois não têm lugar no caso presente, porquanto nem nos foi necessário crivar Francisco Retorta de perguntas. Tampouco pre-



O box também é cultivado no Instituto Superior Técnico (Vêr artigo na pág. 6)

cisa de elogios a sua mentalidade de desportista são.

Francisco Retorta transferiu a sua residência do Porto para a capital e, habituado a mexer nestes assuntos da bola, breve se alcançou a lugar de destaque no popular Benfica. A passagem pela presidência da Associação nortenha da modalidade trouxe-lhe à lembrança a reorganização da secção de «handball» do seu actual clube. Pouco tempo decorrido já o Benfica contava com a inscrição de perto de três dezenas de praticantes. Entre eles contam-se alguns atletas de renome que se dedicam pela primeira vez a este ramo de desporto — e assim havemos de ver, dentro em breve, integrados na equipa encarnada, homens como Matos Fernandes, Francisco Ferreira e outros nomes englobados em listas de campeões.

A conversa com o nosso interlocutor espraiou-se em apreciações sobre o valor do handball lisboeta, em relação ao portuense, e surgem considerações que abrangem o desporto em geral. Lástima que o reduzido espaço de que dispomos nos faça recordar que, neste momento, apenas o handball prende a nossa atenção. Mas anotámos que um são critério preside presentemente à orientação dada à «sua» secção de

(Continua na pág. 14)



O valor aproximado dos corredores na temporada de 1942 tornou a luta deveras árdua

VIMOS já, em artigo antecedente, quanto meritória havia sido a temporada ciclista de 1942, no que diz respeito a desportivismo, valor técnico e nível atlético. Fixemos agora, mercê dos

que todos os estradistas de valor lutaram uns com os outros. As seis restantes provas tiveram apenas a participação de determinado número de corredores, entre os quais faltavam, sem dúvida, os quatro melhores elementos da velocipédia actual.

Reportando-nos ao primeiro período de competições, isto é, àquêle em que os resultados derivaram do embate entre o escol dos ciclistas nacionais, temos, conforme nos indica a tabela junta, a seguinte classificação: 1.º — Lopes, 97 pontos; 2.º — Raposo, 96; 3.º — Martins, 82; 4.º — Lourenço, 78; 5.º — Rebêlo, 58; 6.º — Inácio, 49, e 7.º — Jacinto, 34 pontos.

Mas neste conjunto de provas, três houve — o Pôrto-Lisboa, Circuito de Vila Real e Circuito da Curia — em que a luta foi desigual, porque Lourenço nelas não alinhou. Excluindo, portanto, a pontuação dessas corridas, que proporcionou o 1.º lugar a Eduardo Lopes, temos nas restantes dez provas a seguinte classificação: 1.º — Lourenço, com os mesmos 78 pontos; seguido de Lopes, 74; Raposo, 71; Martins, 54; Rebêlo, 45, e Inácio, 44 pontos.

Lourenço obtém o melhor quociente de classificação

Nas treze provas a que já nos referimos foi Raposo que conseguiu, por ser o mais regular — só obteve 1.ª, 2.ª e 3.ª prêmios — o melhor quociente de classificação — 96 pontos em treze corridas — a 8,778. Mas em dez competições, as mesmas em que Lourenço foi superior, o sportinguista também levou a palma aos adversários, no que diz respeito

a quociente: 7,8 contra 7,4 de Lopes e 7,1 de Raposo.

Foi, sem dúvida, árdua a tarefa de Lourenço em 1942 para se impôr aos adversários. Estes venderam

das competições do primeiro período — Rebêlo, Inácio, Jacinto e outros — foi o sportinguista que levou a palma a todos — e a grande distância. E que o valor relativo dos seus adversários permitiu-lhe que conquistasse nessas corridas cinco 1.ª e um 4.º lugar, equivalentes portanto a 57 pontos.

Nesse período, Rebêlo acumulou 48 pontos, Bartolomeu 41, Trinda-de 28, Jacinto 24 e Ladislau 23.

Se juntarmos a pontuação obtida por Inácio nos dois períodos de corridas — o que seria absurdo, pois o valor dos adversários, numa e noutra ocasião, nem de longe se comparava — o homem de Casalinho totalizaria 106 pontos, número mais elevado que outro qualquer estradista, mas com um quociente relativamente baixo: 6,23.

Coincidência interessante: João Rebêlo, que havia conquistado na primeira série de provas o 5.º lugar, à frente de Inácio, chegou ao final da temporada empatado com o seu rival das últimas provas, com o mesmo número de pontos: 106. Justifica-se assim a regularidade do homem da Iluminante e a «súbdia» final do sportinguista.

E aqui está o que foi o comportamento dos estradistas de maior evidência em 1942.

GIL MOREIRA



José Martins, elemento combalivo, que ataca de surpresa e se impõe pela energia com que luta



João Rebêlo, estradista que em algumas provas desta época se mostrou igual aos melhores

O Benfica volta ao hand-ball !..

(Conclusão da página 13)

handball, pois foi com a energia própria de um desportista de princípios honestos que nos declarou:

— Os atletas que vão representar o Benfica no próximo Campeonato de Lisboa de handball são autênticos amadores. Dedicados ao seu clube, vão engrandecê-lo sem outro intuito que não seja esse desejo. Ao mesmo tempo, tratando-se, na sua maioria, de atletas que cultivam os chamados desportos de verão, mantêm a «forma» por este modo, enquanto não são chamados às pistas de atletismo.

A idéia merece todo o aplauso. Praticar desporto deve ser a preocupação dos que prezam a saúde e nunca fazer dele modo de vida, tanto mais que o «handball» ainda está longe de vir a ser uma profissão...

ALVARO GASPAR

números — sempre mais eloquentes e mais expressivos que as palavras — qual foi o comportamento global dos estradistas independentes durante os oito meses da época.

De Março a Outubro houve para os corredores inscritos na sede da U. V. P., ou sejam os licenciados pelos clubes de Lisboa, desanove provas de estrada. Destas, treze foram disputadas antes da partida dos corredores lusitanos para a Espanha, ou sejam num período em

Provas disputadas no primeiro período de corridas em 1942, com a classificação dos melhores corredores no conjunto dessas competições. Os pontos são atribuídos na proporção de 10 ao 1.º, 9 ao 2.º e assim sucessivamente até ao 10.º classificado de cada prova.

	50 qtm. Clássicos	Circuito de Lisboa	100 qtm. Clássicos	100 qtm. C/ Relógio	176 quilómetros	Campeonato Nacional	Pôrto — Lisboa	Dia da Bicicleta	Circuito da Bairrada	Circuito da Atenhada	Circuito da Curia	Circuito de Sintra	Circuito de Vila Real	PONTOS
João Lourenço	1	10	1	1	3	1		4	2	1		8		78
Eduardo Lopes....	2	1	2	5	4	7	1	3	1	2	7	9	2	97
Alberto Raposo....	3	2	2	1	2	2	1	3	3	3		3		96
José Martins.....	4	5	5	3	5	10	3	2	6	5	1	1		82
Francisco Inácio...	5	3	8	4	6				5		6	2		49
António Jacinto...	6	4		6	2		9	9						34
João Rebêlo.....	7	7	4	9	8	3	4	8	7			1		58

caro as suas derrotas, pois enquanto os melhores homens de 1940 e 1941 atingiram o quociente respectivo de 8,8 e 8,1 — Lourenço teve de se contentar com 7,8, longe portanto do máximo atingido até hoje entre nós — 9,9 em 1931, por José Maria Nicolau, e 9,8 por Filipe de Melo, em 1937. E que naqueles tempos Nicolau e Filipe foram «reis absolutos» da estrada e agora o ex-marroquino do Sporting teve pelo menos três homens com quem se haver.

Inácio, o melhor do segundo lote

Nas seis provas em que tomaram parte os homens classificados a partir do quinto lugar, no conjunto



Francisco Inácio, que readquiriu no final da temporada o seu prestígio de «rolador» bom

BICICLETAS ?

« FLECHA »
« FLECHA »
só « FLECHA »

Assinar a revista «STADIUM» é contribuir para o próprio Desporto

PREÇO DE ASSINATURA

3 meses Esc. 19\$50
6 » » 39\$00
12 » » 78\$00



UMA REPORTAGEM DE NUNES D'ALMEIDA, EM VOLTA DE DOIS CAMPEÕES DO PEDAL, JOÃO LOURENÇO E EDUARDO LOPES, QUE DURANTE CÊRCA DE DOIS MÊSES, EM SUCESSIVAS PROVAS DISPUTADAS EM ESPANHA, JUNTAMENTE COM ALBERTO RAPOSO E JOSÉ MARTINS, CONQUISTARAM O PÚBLICO DO PAÍS VISINHO. CONSTITUE UMA HOMENAGEM DA STADIUM AOS DOIS ESTRADISTAS E «SPRINTERS», VALORIZADA AINDA PELO ASPECTO ARTÍSTICO DAS FOTOGRAFIAS

BICICLETAS



“FLECHA”

STADIUM



O encontro Unidos-Fósforos caracterizou-se por boa réplica dos jogadores de Marvila, durante a 1.ª parte. Em cima, uma defesa do guarda-rêdes do Fósforos; em baixo, a bola hesita entre dois pretendentes...